

CAPOEIRAGEM: O NOSSO JOGO!

- primeira parte -

André Luiz Lace Lopes

Artigo ForumVirtual - RJ - ago/2003

Leblon, 31 de julho de 2003 – alace@alternex.com.br

De repente, surge um falso problema na versão, para o inglês, do livro “Capoeiragem no Rio de Janeiro, Sinhozinho e Rudolf Hermann”: o crescente volume de comentários, críticas e sugestões que não param de chegar, como incorporá-los?

Claro, o problema não reside tanto na redação, e sim no número de páginas que não deve ser ampliado.

Avaliando melhor a situação, não foi difícil constatar que se tratava, realmente, de um falso problema, pois bastará excluir, da nova versão, algumas partes e ilustrações que seriam de difícil compreensão para o leitor estrangeiro. O interessante e extenso monólogo de Manduca da Praia, por exemplo, todo feito em gíria do tempo do Rio Colonial, como colocá-lo em inglês, sem perder grande parte do seu sentido e sabor popular carioca?

Resolvido o falso problema, passei a selecionar o que seria mais indicado para robustecer a versão inglesa. Uma das sugestões (já aprovada), chegou de Quebec, Canadá, de um brasileiro doutorando em Filosofia e profundo conhecedor de artes marciais. Nome que, não revelo agora, mas que oportunamente será conhecido e reconhecido, não apenas pelo brilhantismo da dissertação doutoral que está ultimando, como pela série de artigos sobre Vale-Tudo e Capoeira que acaba de terminar. Por e-mail e por telefone sugeriu com veemência vitoriosa: “*Você deve incluir na versão em inglês a transcrição da excelente crônica de Coelho Netto, **Nosso Jogo**, escrita em 1923 e publicada em 1928 na coletânea **Bazar**.*”

Sugestão mais do que oportuna, até porque **A NAÇÃO** circula também pela Baixada Fluminense, e Mestre Coelho Netto nasceu em Caxias, só que, apresso-me a esclarecer, no município Caxias lá do Maranhão. Mas não deixa de ser uma coincidência para o **Mestre Russo de Caxias**, agora internacional, explorar em suas excelentes conversas, nas tradicionais rodas livres de capoeira, na Praça dos Pacificadores, em Caxias, no Rio de Janeiro. E mais, ainda criança, acompanhando sua família atraída, como tantas outras, pelas luzes do RIO, Coelho Netto tornou-se nome de destaque no jornalismo, na administração pública e nas letras, produzindo excelentes trabalhos, como, por exemplo, o seu livro “**Cidade Maravilhosa**”. Nada mais apropriado, mais comprovador da tese de “atração de valores individuais e irradiação de cultura das cidades grande”, que defendo na abertura do livro. Além, é claro, da crônica em si, que, como o leitor constatará, é primorosa.

O RIO, realmente, era o grande irradiador de cultura para os demais estados; o que já não ocorre tanto agora. Pois, há muito tempo, como todos nós sabemos, não é mais a capital da República, além do que sofreu. uma FUSÃO que empobreceu ainda mais a cidade. Acrescente-se a isto, gestões governamentais não muito afinadas com a importância histórica do Rio e, sobretudo, com o seu espírito (ainda peculiar, extremamente criativo, bem humorado, generoso e fraterno). A situação está-se tornando realmente grave, tanto assim que já está surgindo uma espécie de AMA-RIO, ou seja uma associação de moradores e amigos, não de um bairro apenas, mas da própria cidade do Rio de Janeiro. AMA-RIO ou **Sindicato do Rio** como querem algumas figuras ilustres como as dos “sindicalistas” Arnaldo Jabor, David Zylberstajn, Leonel Kaz, Marcelo Madureira, Esther Jablonski e Sergio Besserman.

O que tem isto a ver com a Capoeira e com o Bazar de Coelho Netto?

Muito simples, a História da Capoeira, em grande parte, confunde-se com a História do Rio, desde do Brasil Colônia até os dias de hoje, mas, sobretudo, passando pela época do famoso e saudoso paulista-carioca Sinhozinho. Como tem

sido demonstrado em alguns poucos livros que estão saindo sobre o assunto, especialmente, sem falsa modesta, este mais recente “A Capoeiragem no Rio de Janeiro”.

Essa crônica de Coelho Netto, talvez mais ainda das demais que cito na versão em português, prova e comprova o pioneirismo, a grande importância do Rio de Janeiro neste processo - deplorável, mas inexorável - de institucionalização da Arte Afro-Brasileira da Capoeiragem.

Vamos ao **Jogo**, Senhores (aliás, seria uma bela idéia para o Rio – **cassinos!** – caso seja possível isolar o **Tóxico** da sua gerência):

“Transcrevendo-o do Correio do Povo, de Porto Alegre, publicou **O Paiz** em seu número de 22 do corrente, um artigo com o título: “Cultivemos o jogo de capoeira e tenhamos asco pelo do Box”, firmado pelo correspondente do jornal gaúcho nesta cidade, Dr. Gomes Carmo.

Concordamos *in limini* com o que diz o articulista, valho-me da oportunidade que me abre tal escrito para tornar a um assunto sobre o qual já me manifestei e que também já teve por ele a pena diamantina de Luiz Murat.

A capoeiragem devia ser ensinada em todos os colégios, quartéis e navios, não só porque é excelente ginástica, na qual se desenvolve, harmoniosamente, todo o corpo e ainda se apuram os sentidos, como também porque constitui um meio de defesa pessoal superior a todos quantos são preconizados pelo estrangeiro e que nós, por tal motivo apenas, não nos envergonhamos de praticar.

Todos os povos orgulham-se dos seus esportes nacionais, procurando, cada qual dar primazia ao que cultiva. O francês tem a savate, tem o inglês o boxe; o português desafia valentes com o sarilho do varapau; o espanhol maneja com orgulho a navalha catalã, também usada pelo “fadista” português; o japonês julga-se invencível com o seu jiu-jitsu e não falo de outros esportes clássicos em que se treinam, indistintamente, todos os povos, como a luta, o pugilato a mão livre, a funda e os jogos d’armas.

Nós, que possuímos os segredos de um dos exercícios mais ágeis e elegantes, vexamo-nos de o exibir e, o que mais é, deixamo-nos esmurraçar em ringues por machacazes balordos que, com uma quebra de corpo e um passe baixo, de um “ciscador” dos nossos, iriam mais longe das cordas do que foi Dempsey à repulsa do punho de Firpo.

O que matou a capoeiragem entre nós foi...a navalha. Essa arma, entretanto, sutil e covarde, raramente aparecia na mão de um chefe de malta, de um verdadeiro capoeira, que se teria por desonrado se, para derrotar um adversário, se houvesse de servir do ferro.

Os grandes condutores de malta – guaymús e nagôs, orgulhavam-se dos seus golpes rápidos e decisivos e eram eles, na gíria do tempo: a **cocada**, que desmandibulava o camarada ou, quando atirada ao estomago, o deixava em síncope, estabelecido no meio da rua, de boca aberta e olhos em alvo; o **grampeamento**, lança de mão aos olhos, com o indicador e o anular em forquilha, que fazia o **mano** ver estrelas; o cotovelo em ariete ao peito ou ao flanco; a **joelhada**; o **rabo de raia**, **risco** com que Cyriaco derrotou em dois tempos, deixando-o sem sentidos, ao famoso campeão japonês de jiu-jitsu; e eram as **rasteiras**, desde a de **arranque**, ou **tesoura**, até a **baixa**, ou **bahiana**; as caneladas, e os pontapés em que alguns eram tão ágeis que chegavam com o bico quadrado das botinas ao queixo do antagonista; e, ainda, as bolachas, desde o tapa-olho, que fulminava, até a de beijo arriba, que esborcinava a boca ao **puaia**. E os ademanos de engano, os refugos de corpo, as negaças, os saltos de banda, à maneira felina, toda uma ginástica em que o atleta parecia elástico, fugindo ao contrário como a evitá-lo para, a súbitas, cair-lhe em cima, desarmando-o fazendo-o mergulhar num “banho de fumaça”.

Era tal a valentia desses homens que, se fechava o tempo, como então se dizia, e no tumulto alguém bradava um nome conhecido como: Boca-queimada, Manduca da Praia, Trinca-espinha ou Trindade, a debandada começava por parte da polícia e viam-se urbanos e permanentes valendo-se das pernas para não entregarem o chanfalho e os queixos aos famanazes que andavam com eles sempre de candeias às avessas.

.....
André Luiz Lacé Lopes

- parte final no próximo número -

(*) Henrique Maximiano **COELHO NETTO** - Escritor brasileiro, nasceu em Caxias, Maranhão no dia 20 de fevereiro de 1864 faleceu no Rio de Janeiro no dia 28 de novembro de 1934. Veio para o Rio de Janeiro com dois anos de idade; estudou Medicina e Direito mas não concluiu nenhum dos cursos. Em 1885 relacionou-se com José do Patrocínio, que o introduziu na relação da Gazeta da Tarde; nesse jornal deu início à sua Lista Abolicionista e Republicana. Em 1891, foi publicada sua primeira obra “Rapsódias”, um livro de contos. Dedicou-se a literatura com entusiasmo, publicando obras atrás de obras. Escreveu algumas peças teatrais, mais de cem livros e cerca de 650 contos. Foi também um orador de grandes recursos; em 1909 foi catedrático da mesma matéria. Foi deputado na Legislatura da 1909 a 1911; esteve em Buenos Aires como Ministro Plenipotenciário, em Missão Especial. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Em 1928, foi consagrado como “**Príncipe dos Prosadores Brasileiros**”. De sua extensa obra literária, destacam-se: “**A Capital Federal**”, “Fruto Proibido”, “O Rei Fantasma”, “Contos Pátrios”, “O Paraíso”, “Mano”, “As Estações”, “Sertão”, “Mistério do Natal”, “Fogo Fátuo” e “**A Cidade Maravilhosa**”. Também poeta, escreveu um soneto que se tornaria famoso: “Ser Mãe”; Coelho Neto é o exemplo de fidelidade e dedicação às letras.

CAPOEIRAGEM: O NOSSO JOGO!

- segunda parte -

“Dessa geração celeberrima fizeram parte vultos eminentes na política, no professorado, no exército, na marinha como – Duque Estrada Teixeira, cabeça *cutuba* tanto na tribuna da oposição como no *mastigante* de algum paróla que se atrevesse a enfrentá-lo à beira da urna: capitão Ataliba Nogueira; os tenentes Lapa e Leite Ribeiro, dois barras; Antonico Sampaio, então aspirante da marinha e por que não citar também Juca Paranhos, que engrandeceu o título de Rio Branco na grande obra patriótica realizada no Itamaraty, que, na mocidade, foi *bonzão* e disso se orgulhava nas palestras íntimas em que era tão pitoresco.

A tais heróis sucederam outros: Augusto Mello, o *cabeça de ferro*; Zé Caetano, Braga Doutor, Caixeirinho, Ali Babá e, sobre todos o mais valente, Plácido de Abreu, poeta comediógrafo e jornalista, amigo de Lopes Trovão, companheiro de Pardal Mallet e Bilac no **O COMBATE**, que morreu, com heroicidade de amouco, fuzilado no túnel de Copacabana, e só não dispersou a trefa escolta, apesar de enfraquecido, como se achava, com os longos tratos na prisão, porque recebeu a descarga pelas costas quando caminhava na treva, fiado na palavra de um oficial de nome romano.

Caindo de encontro às arestas da parede áspera ainda soergue-se, rilhando os dentes, para despedir-se com uma viltas dos que o haviam covardemente atraído. Eram assim os capoeiras de então.

Como os leões são sempre acompanhados de chacais, nas maltas de tais valentes imiscuíam-se assassinos cujo prazer sanguinário consistia em experimentar sardinhas em barrigas do próximo, deventrando-as.

O capoeira digno não usava navalha: timbrava em mostrar as mãos limpas quando saía de um turumbamba.

Generoso, se trambolhava o adversário, esperava que ele se levantasse para continuar a luta porque: “Não batia em homem deitado”; outros diziam com mais desprezo: “em defunto”.

Nos terríveis recontros de guaiamus e nagôs, se os chefes decidiam que uma questão fosse resolvida em combate singular, enquanto os dois representantes da cores vermelha e branca se batiam as duas maltas conservam-se à distância e, fosse qual fosse o resultado do duelo, de ambos os lados rompiam aclamações ao triunfador.

Dado, porém, que, em tais momentos, estrilassem apitos e surgissem policiais, as duas maltas confraternizavam solidárias na defesa da classe e era uma vez a Força Pública, que deixava em campo, além do prestígio, bonés em banda e chanfалhos à ufa.

O capoeira que se prezava tinha ofício ou emprego, vestia com apuro e se defendia uma causa, como aconteceu com do abolicionismo, não o fazia como mercenário.

O capanga, em geral, era um perrengue, nem carrapeta, ao menos, porque os carrapetas, que formavam a linha avançada, com função de escoteiros, eram rapazolas de coragem e destreza provadas e sempre da confiança dos chefes.

Nos morros do Vintém e do Néco reuniam-se, às vezes, conselhos nos quais eram severamente julgados crimes e culpas imputados a algum dos das farandulas. Ladrões confessos eram logo excluídos e assassinos que não justificassem com a legítima defesa o crime de que fossem denunciados eram expulsos e às vezes, até, entregues a policia pelos seus próprios chefes.

Havia disciplina em tais pandilhas.

Quanto às provas de superioridade da capoeiragem sobre os demais esportes de agilidade e força são tantas que seria prolixa a enumeração.

Além dos feitos dos contemporâneos de Boca queimada e Manduca da Praia, heróis do período áureo do nosso desestimado esporte, citarei, entre outros, a derrota de famosos jogador de pau, guapo rapagão minhoto, que Augusto Mello duas vezes atirou de catrambias no pomar da sua chacinha em Vila Isabel onde, depois da luta e dos abraços de cordialidade, foi servida vasta feijoada. Outro: a tunda infligida um grupo de marinheiros franceses de uma corveta Pallas, por Zé Caetano e dois cabras destorcidos. A maruja não esteve com muita delonga e, vendo que a coisa não lhe cheirava bem em terra, atirou-se ao mar salvando-se, a nado, da agilidade dos três turunas, que a não deixavam tomar pé.

A última demonstração da superioridade da capoeiragem sobre um dos mais celebrados jogos de destreza deu-nos o negro Cyriaco no antigo Pavilhão Paschoal Segreto fazendo afocinhar, com toda a sua ciência, o jactancioso japonês, campeão do jiu-jitsu.

Em 1910, Germano Haslocjer, Luiz Murat e quem escreve estas linhas pensaram em mandar um projeto a Mesa da Câmara dos Deputados tornando obrigatório o ensino da capoeiragem nos institutos oficiais e nos quartéis. Desistiram, porém, da idéia porque houve quem a achasse ridícula, simplesmente, por tal jogo era...brasileiro.

Viesse-nos ele com rótulo estrangeiro e tê-lo-íamos aqui, impando importância em todos os clubes esportivos, ensinado por mestres de fama mundial que, talvez, não valessem um dos nossos pés rapados de outrora que, em dois tempos, mandariam um Firpo ou um Dempsey **ver vovó**, com alguns dentes a menos algumas bossas de mais.

Enfim...Vamos aprender a dar murros – é esporte elegante, porque a gente o pratica de luvas, rende dólares e chama-se Box, nome inglês. Capoeira é coisa de galinha, que o digam os que dele saem com galos empoleirados no alto da sinagoga.

É pena que não haja um brasileiro patriota que leva a capoeiragem a Paris, batisando-a, com outro nome, nas águas do Sena, como fez o Duque com o Maxixe.

Estou certo de que, se o nosso patriotismo lograsse tal vitória até as senhoras haviam de querer fazer letras, E que linda seriam as **escritas!** Mas, se tal acontecesse, sei lá! muitas cabeçadas dariam os homens ao verem o jogo gracioso das mulheres”.

Grande capoeira e escritor Mestre Coelho Netto!

André Luiz Lacé Lopes